ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1924 N.º 843

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 49
Impressão: Rua do Seculo, 43

UM NAUFRAGIO

Como se afundou

A LANCHA "S. JOSÉ"

AO LARGO DA PÓVOA DE VARZIM

(Do nosso enviado especial)

POVOA DO VARZIM, 6. — Conhecem aquela historia de dois jornalistas que foram encarregados de fazer a mesma reportagem?

Tratava se duma festa de pompa na côrte. Um deles escreveu: «A rainha trazia um lindo vestido azul-marinho». O outro jurava pelos Santos Evangelhos que sua majestade vestia côr de perola. Afinal, nem era azul-marinho, nem côr de perola. Era cinzento-claro.

Isto quere diser que, em jornalismo, o acontecimento muda de expressão conforme os olhos que o vêem.

Foi por isso que o *Diario de Lisboa* quiz reconstituir a tragedia dos poveiros com os seus proprios olhos.

Não tem a pretensão de vêr cinzento-claro onde outros jornalistas viram azul-marinho ou côr de perola.

O que, desgraçadamente, não pode é vêr tudo côr de rosa — porque os dramas do mar são tão negros como o breu da tua rede, poveiro!

* * *

O vento da desgraça passou, depois de ter soprado rijo sobre a Povoa de Varzim. As lagrimas secaram. Mas ficou nos olhos o espanto da tragedia.

Sigo pela praia, sósinho, a cem metros do local onde naufragou a lancha *S. José*. Mar agitado. Ceu forrado de nuvens. Sopra uma nortada fria. Encostados uns aos outros, como um bando de pombas que procura defender-se do milhafre, dezenas de barcos esperam a sua vez. Pintados de amarelo, de azul ou de vermelho, são raros aqueles que não têm o nome dum santo ou duma santa da devoção dos pescadores.

E' a «Senhora da Boa Morte», é a «Sr.ª N'Agonia», é a «Nossa Senhora Tem Compaixão de Mim», é a «Devoção na Sr.ª do Carmo», é a «Fé em S. Bento» e são ainda outros, com distintivos de campanha ou de empresarios, como cruzes, flores, estrelas, peixes e corações.

Ha dois barquitos que estão encostados um ao outro, prôa com prôa, com tintas ainda frescas e um ar muito elegante. Um chama-se «Gago Coutinho» e o outro «Sidonio Pais».

Passo por outro que tem um nome inglês: «Flirt». Dá-me a impressão de uma inglesinha loura a namorar o azul da imensidade.

Vou pisando areia até á Senhora da Lapa. O mar é branco na praia, a desfazer-se em rolos de espuma. E' verde lá para a entrada da barra. Mais longe, azul. Mais longe ainda, violeta. Depois, ceu. Levou toda a madrugada do Senhor a bramir, a referver, a saltar como um doido furioso de encontro ao paredão. A's 5 horas, arrojou á praia mais um cadaver: o do «Faroleiro», Filipe José de Carvalho.

Fui vê-lo á camara ardente, numa casinha terrea da rua do Norte, com janela para o mar. Vestido com o seu fatinho preto de vêr a Deus — de vêr a Deus pela primeira vez — repousa no caixão, sob o olhar piedoso dum Cristo crucificado dentro de uma redoma de vidro e voltado para o Oceano imenso.

Tinha 63 anos de vida e 53 anos de mar.

Mulheres acocoradas em volta da urna choram baixinho. Já passou a hora dos gritos lancinantes e das grandes contorsões de pasmo e de loucura. A dôr agora é muda.

O «Faroleiro», que teve uma vista de aguia, já não tem olhos. São duas cavernas onde o mar entrou, por sua vez. Se elas tinham entrado tanta vez pelo mar dentro!

Mais alguns passos andados e estou em frente daquela que foi a lancha «S. José».

Pintada de branco e como que cansada de sofrer, dorme varada na praia, ao sul da Senhora da Lapa. A' pôpa, o mar arrancou-lhe quasi todas as tabuas. E' uma carcassa—a gotejar. Dentro, só areia. Areia e dôr.

A' prôa, vê-se ainda a Cruz de Cristo e logo adiante a Cruz de Aviz, dois distintivos dos barcos de Mestre Liro. O nome do Santo, sob cuja invocação se fez ao mar, está mutilado: «S. Jos .»

Alguns pescadores passam-lhe a mão pelo costado, em silencio.

—Era um lindo barco... ainda novo... Foi pena!—disse-me um, com os olhos perdidos no mar, a desafiar o mar com os olhos.

Estamos em frente da «Caverneira», pequenos rochedos a cem metros da areia, onde se supõe que os restantes naufragos tivessem ficado entalados.

O mar aqui é fundo e tem luras que comunicam com a terra. Só assim se explica que os outros cadaveres — ainda faltam sete — não tenham dado á praia.

* * *

Vouandando mais para o sul, dobro a igreja da Senhora da Lapa e entro numa rua de pescadores.

Casinhas terreas, acanhadas, miseraveis, onde cheira a peixe e a marezia. Roupa a secar em cordas. Utensilios de pesca pelos quatro andanhos da casa.

Cá fóra, numa algazarra doida, bandos de garotos jogam ao pião.

Lá dentro, mulheres vestidas de preto, curvadas sobre a sua dôr, talvez resignadas, já não têm mais lagrimas para chorar.

— Gente de pescaria, diz-me um poveiro apontando para o escuro, está quasi sempre de luto. E' o sr. João Domingues Nunes, patrão do salva-vidas «Cego do Maio», que foi em socorro dos naufragos.

— Conte-me como foi...

— Ora... Andavam a pescar lá para diante, para casa do diabo mais velho, (longe) a umas 15 milhas da praia e a 96 braças de fundo.

— O mar não anunciava tragedia...

— O mar estava «espertito», (picado) mas não era coisa de arrecear. A «S. José» navegava com vento norte, bombordo á vista. Nós estavamos na praia, vimo-la arribar e de repente — zás! — uma onda volta-a de prôa para o ar e os pescadores são cuspidos para fora do barco. Ainda arrearam a vela, mas já não tinha remedio...

Tão simples e tão grande! Foi um minuto apenas e custou dez vidas, e custou milhares de lagrimas.

A meu lado, uma poveirinha de olhos verdes suspira:

—Foi uma paixão!

Mestre Nunes prossegue:

—Em socorro, sairam cinco barcos e dois salva-vidas. Era noite. No mar fazia escuro. Não se via um palmo adiante do nariz. O luar só nasceu de manhãsinha. Ainda assim, fez-se o que se poude...

—Os naufragos...

—Alguns nadaram. Prestámos-lhes socorro. O arrais Antonio Tamanca «aguentou» (salvou) três, que vieram para terra. O José Maravalhas salvou um. O barco «Sr.ª da Guia», de mestre João Canero, apanhou sete ainda com vida.

—*De outros...*

—Lá ficaram.

—Mestre «Liro», o patrão da lancha, tinha fortuna...

—Trezentos contos de seu. O mais eram tudo «probesinhos».

Outro poveiro informa:

—Mestre «Liro» tinha parentes no Brasil. Ainda para lá foi hoje um telegrama que custou quatrocentos mil réis...

—Alguns tripulantes da lancha eram repatriados?

—O Manel-a Gorda, que morreu, veiu do Brasil quando lá o quizeram naturalisar. E o Antonio Cadelhe. E o Filipe Faroleiro. E outros...

Volto-me para um poveiro mais velho, que fuma o seu cachimbo encostado a uma lancha:

—Pouco peixe, não?

—Uma miseria! Os «arrastões» dão cabo de tudo. O espanhol faz muito mal á pesca. E não é só ele... Os portugueses tambem «dão fogo...» (pescam a dinamite).

—O que se pesca mais por cá?

—A sardinha, a raia, a faneca, a pescada, o cação e o goraz.

—A «S. José» andava á pescada...

—Era, sim senhor. Mestre «Liro» e o cunhado, que se salvou, levavam nove redes e meia. As outras eram do resto da companha, rêde e meia para cada camarada.

O poveiro cala-se. Chega aqui dentro o ruido do mar. Pescadores de rosto vermelhusco, cabelo encrespado e larga peitaça, vão saindo para a praia—a vêr se o mar atira mais algum...

* * *

Joaquim Rela, 56 anos, crestado pelo sol, que já foi três vezes ao Brasil, pertencia tambem á tripulação da «S. José».

E' em casa dele, sentado em cima duma arca, numa salinha onde se empilham redes e boias de cortiça que cheiram a breu e a marezia, que ouço a reconstituição do naufragio:

—Fomos para o mar de madrugada. Quando o sol nasceu, já nós andavamos a lançar as redes. Estava um dia «catita». Antes do pôr do sol, virámos a prôa á barra. Eu vinha «contando o mar» (observando o vai-vem das ondas). A vaga era pequena. O mar alisou e a «S. José» entrou a barra. Já não havia sol.

«A certa altura, preveni o homem do leme:

«—Alce com o barco um bocadinho, (meta ao vento) porque vêm aí alguns pedacinhos de mar.

«Mestre «Liro» respondeu:

«—O mar é pequenino... Podem correr com o barco...

«De repente, fez um «lombinho» á ré, tomou carreira, e a «S. José» foi alçando a prôa e mergulhando a pôpa. A vaga fez «gorgolão» (enrolou-se). O barco mergulhou e voltou-se, de costado para o ar. Ouviram-se gritos. Depois...

—Depois?

—... Só tive tempo de puxar a «verga» (o pau da vela). Agarrei-me a ela com unhas e dentes. Nadei. Muitos não sabiam nadar. Lá ficaram...

«Rolei por cima de pedras, tomei pé, a onda arrastava-me sempre. Mestre «Liro», a principio, «facilitou» (esta palavra encerra um poema de abnegação e de coragem: quere dizer que o preocupava mais a sorte dos outros que a sua propria sorte) e ainda disse:

«—Salve-se a companha... Deixem-me que eu lá vou nadando...

«A certa altura, vi-o ainda a nadar, já despido, desta vez com menos confiança:

«—Ai, Rela! Que morremos!—disse-me ele.

«—Quem fala em morrer!—respondi-lhe eu para o animar. Amarrou-se tambem á verga e fomos os dois nadando. Veiu um pedaço de mar que nos enrolou. O arrais largou a tabua de salvação—e não o tornei a ver.

—E os outros que morreram...

—Esses ficaram no barco, amarrados... Não sabiam nadar...

O Joaquim Rela fala de mestre *Liro* com veneração. Traça-lhe o perfil. Era um homem de coragem e muito sabedor de coisas do mar. Tinha uma grande confiança na sua estrela. Era audacioso. Muitas vezes estavam dez, vinte barcos «em cima da barra» para entrar. E o mar, encolerisado, não deixava. Os outros desistiam, iam arribar a Vigo ou a Leixões. Ele esperava sempre.

—Eh, rapazes! Daqui a meia hora vae ficar tudo liso.

E dali a meia hora entrava.

—Havia de ir sempre á sorte que Deus desse...—comenta o Joaquim Rela.

* * *

Voltemos atraz. O barco sumiu-se, o mar ficou liso. Começou o *de-profundis* dos naufragos. Quem o descreve?

Na praia, o alarido subia em maré-cheia.

—Ai, meu rico paesinho!—salvae-o, Senhora da Guia!

Os poveiros berram a dôr, gritam, insultam o mar, fazem da sua dôr um pregão de lamuria e de protesto.

—Oh, dôr tão grande! Alminhas do Purgatorio, valei-lhe!

As crianças choram. Choram os velhos. Mulheres desgrenhadas correm pela praia.

—Oh, noite negra! Noite negra!

O Joaquim Rela, de olhos pequeninos e esverdeados, da côr do mar, ainda diz:

—E nós a ouvirmos os gritos, que era mesmo de se partir a alma a uma pessoa, e a vermos na praia aquela gentinha toda a chorar, ali a dois passos... E eles sem ver ninguem. Era tudo sombra. Sombra e dor.

Puxa uma fumaça ao cachimbo e continua:

—Se o salva-vidas estivesse na barra, salvava-se tudo. Mas já não eram horas...

Um, o tio Amancio Vilão, ainda falou quando chegou á praia.

—Estou em terra!

Foi um minuto de alegria—e nada mais. Morreu no Posto de Socorros a Naufragos.

—Depois do naufragio—continuou o Joaquim Rela—ninguem mais voltou ao mar. Só fomos nós ontem alar as redes que lá tinhamos deixado.

—Muito peixe?

—Doze duzias de pescadas e alguns cações.

O naufrago da vespera ainda ontem voltou ao mar. E voltará sempre, sempre até morrer.

* * *

Cemiterio da Povoa. O coveiro tinha aberto hoje dois covais.

—Disseram-me que tinham aparecido dois pescadores e tratei de lhes fazer a cama...

—Afinal só apareceu um...

E o coveiro, num risinho sardonico:

—Logo por sorte, morreu hoje uma mulher. A cama já estava feita.

Coitada! Aquela morreu—por sorte...

Norberto Lopes

Amanhã

A «COSTA NEGRA»

A musica

Concerto Fão

Quando um dia se fizer a historia do movimento musical da nossa epoca, a distancia já dos factos que hoje vão correndo, desapaixonadamente, sem influencias de «côterie» nem espirito de seita, quando um dia alguem se lembrar, emfim, de dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar, o nome de Fernandes Fão ficará, sem duvida, como o dum dos mais energicos campeões do nosso ressurgimento nacional pela musica. A elle se devem alguns dos gestos mais simpaticos, mais desinteressados, mais sinceros e bem intencionados de que podemos dar conta a dentro das iniciativas artisticas da nossa terra. A sua orquestra é hoje um organismo poderoso de consciencia artistica, exemplar de disciplina, notavel de progressos apreciaveis de concerto para concerto. E Fernandes Fão, português de lei, inteiramente devotado ás coisas da sua terra, com um carinho que não tem egual, com um espirito de patriotismo que bem merece ser compreendido por quantos entre nós se interessam pelo assunto, vae proseguindo na sua obra de educação do nosso país. As peças portuguesas não faltam nunca em seus programas, tendo, no concerto de ontem, revelado duas, dum verdadeiro interesse e notavel beleza,—«Dança de D. Pedro», dum encantador e sugestivo colorido obtido por engenhosas combinações de timbres, da autoria do inteligente e talentoso investigador do nosso «folk lore», Armando Leça, e um gracioso «Minuete» do ilustre e bem conhecido professor do nosso Conservatorio, Pedro da Costa Pereira. Ambos estes numeros foram largamente aplaudidos pelas suas qualidades proprias e pelo encanto que a batuta carinhosa de Fernandes Fão soube comunicar-lhes.

Dos outros numeros do programa—«Carnaval Romano», de Berlioz, «D. Juan», de Strauss, tão dificil e tão bem compreendido sempre pela orquestra de Fernandes Fão, «Rapsodia Hungara» (em fá), de Liszt, e a abertura da «Cleopatra», de Mancinelli, nada ha a dizer senão que foram dadas na sua fórma mais impecavel e perfeita, sendo para distinguir a «Rhapsodia Hungara», em que a união e absoluta coesão dos naipes, bem como a precisão ritmica, foram uma maravilha, e a abertura da «Cleopatra», em que foi posta tamanha bravura e tão vertiginoso «entrain», que o publico fez a Fernandes Fão e á sua orquestra uma manifestação verdadeiramente estrondosa.

A parte de honra—e propositadamente a deixei para o fim—foi ocupada por Francisco Benetó que, tendo atraz de si um passado glorioso, marca ainda hoje entre os nossos artistas como um dos primeiros talentos e mais prodigiosos temperamentos de violinistas que nos tem sido dado admirar. A sua virtuosidade, a pureza do seu som, o «charme» delicado e inteiramente pessoal da sua arcada e do seu modo de interpretar foram bem altamente postos á prova na dificilima e tão formosa «Sinfonia Espanhola», de Lalo, que ele foi o primeiro a revelar em Portugal. Escusado será dizer que uma tempestade de aplausos o acolheu no final de cada um dos andamentos, levando-o num delirio de ovações a dar mais uma peça fóra de programa.

Oliva Guerra

Concerto Lassalle

O numero de sensação de ontem neste concerto era o final da sinfonia «A Patria», de José Viana da Mota, que desde 1911 não era ouvida em Lisboa. Está ainda na memoria de todos o triunfo admiravel então alcançado por essa pagina admiravel que pode ser considerada talvez a melhor obra sinfonica da nossa literatura musical, tamanhos os conhecimentos tecnicos nela revelados pelo seu autor e tão alto o sopro de inspiração que a animou, para que possamos espantar-nos com o delirio de aclamações que a acolheu ontem na magistral execução que o maestro Lassalle lhe deu.

Alcançou tambem grande sucesso o poema sinfonico de D. Emilio Serrano, «La primera valida de D. Quijote», bem como a 4.ª sinfonia de Mahler, tocada em segunda e ultima audição, e os dois numeros de Wagner, que compuzeram a 3.ª parte. O maestro Lassalle afirmou uma vez mais as suas notabilissimas qualidades de regente, prestando o maior relevo, colorido e sensibilidade a todos os numeros executados, o que lhe valeu verdadeiras tempestades de aplausos por parte do publico.

***

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 18, 1.º Esquerdo

FILOSOFIA

Maximas

RECENTISSIMAS

do celebre sociologo

Gustavo Le Bon

As consequencias longinquas de uma batalha podem muito bem ser mais graves que os seus efeitos imediatos. E' assim que a derrota recente dos gregos em Smyrna será, sem duvida, um dos maiores acontecimentos da Historia. Seus resultados: expulsão total dos europeus de Constantinopla; ruina da hegemonia inglesa no Oriente; triunfo do Islam, humilhante congresso de Lausana, etc., foram formidaveis. Os turcos não teriam colhido mais se tivessem vencido pelas armas as principais potencias da Europa.

* * *

As diversas civilizações foram dominadas cada uma por um elemento diferente que condicionam toda a sua evolução: elemento militar na civilização romana, elemento artistico e liberal na civilização grega, elemento religioso na Europa na epoca das Cruzadas, elemento industrial no mundo moderno. A preeminencia da industria dá hoje aos tecnicos uma importancia comparavel á dos homens da igreja durante a civilização teologica da Idade Media.

* * *

Não é necessario fazer longas disserteções para explicar como perecem os grandes imperios. Os que não são destruidos por conquistas desagregam-se eles mesmo. Foi essa a sorte da Grecia no mundo antigo, das republicas italianas da Idade Media, da Polonia antes da sua partilha, da Russia hoje. O triunfo geral do socialismo acrescentaria muitos outros nomes a esta lista.

* * *

A Europa debater-se-ha na impotencia até ao dia em que os antigos equilibrios, de que faziam parte a Russia, a Alemanha, a Austria, etc., tiverem sido substituidos por novos equilibrios. Até aqui, ainda não conseguiram cria-los sem a ajuda do tempo.

* *

A historia dos povos civilisados recaidos na barbaria, como o mundo romano depois das invasões germanicas e a Russia dos nossos dias, revela a necessidade de certos elementos civilisadores, tais como o respeito da propriedade, das leis e dos contractos que parecem muito naturais quando se possuem, mas cuja acquisição exigiu seculos de esforços.

* * *

Não é para a liberdade, mas para a servidão que tendem, ás vezes, os revolucionarios modernos. Eles não concebem a liberdade senão sob a forma dum senhor absoluto ditando aos seus discipulos o que eles devem fazer, dizer e pensar.

* * *

Não sendo a vida politica e social possivel senão por meio de transacções e compromissos, a intransigencia, em politica, permanecerá sempre uma perigosa doutrina geradora de reacções violentas.

* * *

Pensar que se deve crêr, é já crêr.

* * *

O saber, sem vontade, não dá o poder.

* * *

O tempo e o habito, que gastam rapidamente o amor, fortificam, pelo contrario, a amisade, até quando ela não era mais do que uma porta de saida do amor.

Tradução de: *José Parreira*

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado, 36, 2.º — Tel. C. 5020

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças — Cirurgia infantil
Das 4 ás 6—CHIADO, 36, 2.º—Telef. C. 5020

—De nada valem as tuas declarações d'amor; prefiro que me leves ao **SOLAR D'ALEGRIA.**

SOLAR D'ALEGRIA
PRAÇA D'ALEGRIA, 55
O mais confortavel e comodo dos
GRANDES «RESTAURANTS»
Serviço a toda a hora do dia e da noite—Ampla sala de jantar e gabinetes
PRIMOROSOS «MENUS»
Explendido serviço de banquetes, almoços, lunchs, jantares e ceias
CONCERTO PELO QUARTETO sob a direcção do violinista *Frederico Gonçalves*

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE--ás 21 horas (9 da noite)--ESPECTACULO DA MODA
ESTREIA do celebre e arrojadissimo artista
DIAVOLO
que executa, em bicicleta o sensácional
LOOPING THE GAP
As ultimas novidades e atracções da
NOVA COMPANHIA DE CIRCO

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria do Carmo da Silva Carvalho, D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, D. Fernanda Falcão de Somer, D. Filomena de Vasconcelos Guimarães e D. Maria Gabriela Kluft Lopes da Silva.

E os srs:

Dr. Domingos Fessas Vital, Francisco Cardoso de Castro, Antonio Tavares de Carvalho, Guilhermo da Cunha Reis e dr. Mario de Aguiar.

A ala da Rainha Santa

Organisada por esta benemerita instituição de caridade e sob a presidencia da sr.ª D. Eugenia de Sousa e Holstein Brandão de Melo, realisou-se ontem á tarde no vasto salão nobre da Liga Naval Portuguesa ao Calhariz, a distribuição de roupas, brinquedos, dôces e dinheiro, a grande numero de crianças pobres protegidas pela Assistencia aos Monarquicos Necessitados e pelo nosso presado colega «Correio da Manhã».

Na assistencia notavam-se as sr.as:

D. Maria Tereza de Ornelas e Vasconcelos, D. Maria Rio de Carvalho, D. Palmira da Costa Guimarães Jardim, D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa (Castelo Melhor), D. Eugenia de Sousa Holstein Brandão de Melo, D. Maria João Zarco da Camara (Ribeira Grande), D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), D. Francisca de Assis de Castro (Nova Goa), D. Alda Trigoso de Almeida Santos, D. Maria Luiza e D. Maria de Lancastre (Alcaçovas), D. Maria Emilia e D. Tereza de Araujo Bobone, D. Maria Tereza e D. Maria José da Cunha Meneses de Mendonça (Olhão), D. Maria de Lourdes Portocarrero da Camara Mesquita, D. Maria Francisca e D. Maria Leopoldina Mouron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Palmira de Carvalho Martins, D. Tereza Gil de Borja de Macedo e Menezes, D. Maria José Barahona de Azevedo Coutinho, D. Maria Amelia e D. Laura Saturio Pires, D. Lucrecia de Arriaga Xavier da Costa, D. Ana Ahrens Teixeira, D. Izabel Machado, D. Adelina Leitão, D. Maria Santos Melo, D. Ester de Carvalho, D. Olinda da Conceição Duarte Costa, etc., etc.

Concertos elegantes

Assistencia elegante nos concertos de ontem:

No S. Luis

Madame Bonin, madame Arce, viscondessa de Alvelos, D. Sára da Mota Vieira Marques, D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filhas, D. Tercsa Iglezias Scarnichia, D. Berta Ortigão Ramos, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Teresa da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Luisa da Camara, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Olga Ferreira Pinto de Lencastre, D. Flora Bastos de Amaral e filhas, D. Guilhermina Macieira da Fonseca, D. Elisa Diogo da Silva, D. Maria Luisa Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Maria Serzedelo Ribeiro da Silva e filhas, D. Maria Supico Pinto, D. Maria Bruno de Heredia, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Maria Magina de Melo Arriaga Tavares e filhas, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Maria Inacia Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Adelaide Lima Cruz e filhas, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Margarida Cambon Brandão, D. Luisa Malheiro de Seixas e filha, D. Carolina de Seixas Palma, D. Palmira Maia de Lucerda, D. Eulalia da Costa Neves, D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Georgina de Mendonça, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Antonieta Braga, D. Alice Braga Rebelo da Silva, madame Almeida e Vasconcelos, D. Carolina Serzedelo, madame Vitór Sepulveda, D. Hene Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro Falcão, madame Tavares Cardoso, D. Ilda dos Santos David, D. Margarida de Oliveira Aguiar, madame Ribeiro Afonso, D. Marieta e D. Alzira de Barros Pereira de Carvalho, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, madame Maria de Aguiar, D. Maria Elisa Plantier Dias Costa, D. Maria de Sequeira Fachcco Niza, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Maria do Castillo, D. Maria da Conceição e D. Maria da Natividade Ahrens de Novais, D. Maria Helena Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães, D. Filomena Borges Lamarão, D. Maria da Guia Ferreira Patricio, D. Virginia Luisa Cardoso, mademoiselle Paulino Correia, etc.

No Politeama

Condessa de S. Miguel, D. Eugenia de Ornelas Burges de Oliveira, D. Maria Gomes Pressler, D. Maria Gomes de Abreu Baptista, D. Maria Francisca de Freitas Branco Heredia e filhas, D. Maria Marinho da Cruz, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria Petra Viana, madame Menjardino e filha, D. Leonor Gomes Amzalack e filha, D. Fabia Cambiaço Monteiro, madame Abel de Andrade e filha, D. Maria Augusta Pinto de Sousa e Silva e filha, D. Virginia Luisa da Silva Pereira da Costa e filha, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, mademoiselle Castro, etc.

Pontos de reunião

No S. Luis

A celebre opereta de Franz Lehar continua atraindo ao S. Luis, todas as noites uma selecta concorrencia, nestas ultimas noites recordo-nos ter visto as senhoras:

Viscondessa de Silvares, marquesa de Fontes Pereira de Melo, D. Delfina da Costa Pereira de Azevedo, D. Francisca de Brito e Abreu, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Margarida de Barros Pereira de Carvalho Crato, D. Alice de Barros Pereira de Carvalho de Brion, madame Almeida e Vasconcelos, D. Certy Abecassis, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Maria Teresa Braga de Magalhães, madame Antonia Maria da Silva e filhas, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, madame Romão, D. Marieta e Alzira de Barros Pereira de Carvalho, miss Mabel Petter, D. Maria Eugenia Franco da Silva Matos, mesdemoiselles Costa e Silva, etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará amanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no São Luis, onde continua em scena a celebre opereta «Frasquita».

Em viagem

Regressou ha dias do seu solar da Castanheira, em Barcelos, á sua casa em Telheiras, a sr.ª viscondessa de Godim.

—A' sua casa em Lisboa, regressou com sua familia, o sr. dr. Eduardo Fernandes de Oliveira.

—Partiu de Vila do Conde, para a Regua, o sr. D José de Serpa Pimentel.

—De Viana do Castelo, partiu para Braga, o sr. José Mario Vieira da Costa.

MAQUINAS DE ESCREVER
ACESSORIOS E REPARAÇÕES GARANTIDAS
DUPLICADORES E MÁQUINAS DE CALCULAR
Telefone N. 3158 **Oliver, Lim.** R. Prata, 250, 2.º

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
Concorrencia e alegria
HOJE—A graciosissima peça de André Brun e Carlos Selvagem
AUSPICIOSO ENLACE
Esfusiante espirito OTIMO CONJUNTO

=POLITEAMA=
Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — Ás 21,30—Comedia engraçadissima e a que toda a companhia dá explendido desempenho
O OUTRO EU
Ámanhã: *As Azas Quebradas*. 4.ª feira: *Entre giestas*

Eden-TEATRO
HOJE—ás 21 1|4—HOJE
A opereta de grande exito em 4 actos
O FADO
A opereta O FADO continua sendo o espectaculo de maior exito da actualidade.

O rei dos policias

Está acabar a exibição de «Vidocq» no Condes

São sempre curiosos e interessantes os numeros do «Jornal do Condes» que semanalmente se estreiam no nosso primeiro cinema e nesses casos está o ultimo, no sabado estreado, o n.º 199, bela lição de coisas e factos mundiais para o publico amigo de instruir-se. O «Jornal do Condes» repete-se hoje bem como o drama de arte «Mimi Trottin», ontem estreado, e os penultimos episodios de «Vidocq, o rei dos policias», cujo desfecho para breves dias se anuncia.

SALA O FOZ

Estreia de «Os Thedus»

O magnifico programa de variedades, que actualmente se exibe no Foz, constituido pela bailarina Pepita Bellido, pelos dançarinos internacionais Los Abrak e pelos duetistas italianos Gioier d'Oro, será hoje enriquecido com a estreia dos equilibristas os Thedus, um homem e uma senhora, notaveis pelo arrojo e excelente apresentação dos seus multiplos e dificeis exercicios.

DISPAM-SE
E VISTAM-SE DE NOVO NA CASA DONAS
Os fabricantes Donas, da Covilhã, vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos, sobretudos, vestidos e casacos em todos os padrões e côres quasi por metade dos preços.
Depositos de vendas a retalho:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 167-2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomás, 392-A

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

FOOT-BALL

O "SPARTA,,

venceu ontem um "Team,, mixto

por 5 bolas a 0

Ontem, jogou pela vez primeira em Portugal, o celebre grupo tcheco «Sparta», campeão do seu paiz nestes ultimos anos, e considerado como a melhor «équipe» da Europa Continental.

Foi seu adversario um «team» mixto de três clubs de Lisboa — «team» mixto que perdeu por 5 «goals» a 0.

Cabem aqui algumas linhas sobre a formação desse agrupamento heterogeneo que ontem em Palhavã sofreu tão pesada derrota.

Já o anuncio da «équipe»-mixta — e bem mixta que ela era — como *selecção portuguesa*, é reprovavel e não póde passar sem reprovação nossa.

Mas, a sua formação: está abaixo de toda a critica.

Que os conjuntos portugueses de ataque são deficientissimos — sabêmo-lo nós de sobra. Apenas: lamentaremos que essa sabida deficiencia seja acrescida, por formações sem qualquer continuidade, e a que preside um criterio que nos não é possivel aceitar como bom.

Lamentámos o resultado de ontem, tanto mais, que ha que ter em conta o conjunto relativo do vencedor — conjunto em que ao lado de jogadores suplentes, havia titulares deslocados.

Mas o certo é que o agrupamento de ontem, com uma defeza boa e um ataque quasi nulo, era apenas um «team»: para se defender.

E conveniente será que de futuro se evite o jogo de «teams» mixtos — bem ou mal rotulados — contra estrangeiros, quando mais não seja para evitar que a imprensa estrangeira dê acolhimento a informações tendenciosas que redundam em prejuizo do bom nome do foot-ball português — já de si em tão mau passo, nesta malfadada epoca de 1923-24.

E nada de admirar de que o «Sparta» inclua nos «récords» das suas «tournées», mais este: — contra a selecção portuguesa, 5-0.

* * *

O campo de Palhavã, estava ontem, quasi cheio — uns quarenta contos de receita.

Os homens do «Sparta» fizeram sucesso ao entrar no campo — de flamantes casacos de «grenat», debruados a branco

A composição do «team» português era: Vieira; Jorge e Ferreira; Vitor Hugo, Vitor Gonçalves e Fernando de Jesus; Lobato, Ramos, José Rodrigues, Simões e Torres Pereira.

Arbitro: Rebelo da Silva.

Começou o desafio, e durante dez minutos se desenvolveu o jogo no campo dos visitantes. O «team» português conseguiu nesse tempo realisar o milagre de atacar com um conjunto desconjuntado. E foi tudo.

Dai em deante, o mixto cumpriu a unica missão que a forma como estava constituido lhe permitia: defendeu-se — defendeu-se como poude.

A primeira parte terminou 4 a 0 — quatro «goals» a que na segunda parte só um mais se juntou, contra todas as espectativas de um peior resultado.

A arbitragem de Rebelo da Silva, dificultada pela rapidez do jogo e pelos constantes «fouls» dos estrangeiros, não agradou.

* * *

Antes de entrar na apreciação do jogo do «Sparta», ha que tornar a afirmar que a «équipe» que o famoso club de Praga ontem alinhou, era dum valor relativo. A'parte a ausencia de Pejr e de Janda, o «team» de ontem apresentou-se com varios suplentes e alguns efectivos fóra dos seus logares.

Apesar disso o «Sparta» deu-nos ontem uma amostra do que constitue a pura essencia do foot-ball — o «association» em passes rasteiros e curtos.

E' o «Sparta» que ontem jogou, um «team» formidavel, em relação aos nossos? Indubitavelmente.

Mas, é um «team» completo, a que não é possivel exigir mais?

Como disse um critico espanhol: «E' um «team non plus ultra»? Em nosso entender, não é.

Sendo uma «équipe» duma homogeneidade apenas diminuida em dois ou três logares, forneceu-nos ela um jogo estraordinario pela sua qualidade.

O critico catalão Aymani Bandina, disse do campeão tcheco eslovaco:

—«O «Sparta» não tem hoje na sua linha de ataque um jogador que possa comparar-se ao Janda de 1921 ou a Pilath de 1922.

«O «Sparta» de hoje não tem nas suas redes um «portero» como Pejr. O «Sparta» de hoje continua sendo mestre em tecnica e em «trucs» ilegais mas sem conseguir dar-nos a impressão de potencia de penetração que nos deixou nas duas epocas passadas».

Realmente a linha de ataque não é tão perigosa como julgavamos. Faltam-lhe «shootadores» — faltam-lhe «shootadores» á altura do jogo que o «team» pratica.

O facto — muito bem notado por Candido de Oliveira na sua notavel critica de hoje, dos «goals» marcados pelos tchecos serem «goals» que enervam, por parecerem de facil defeza» — resultou justamente da deficiencia de remate dos jogadores que o «Sparta» ontem alinhou no ataque.

Aquela linha deanteira, para obter cinco «goals», ou os marcava assim: ou não os marcava.

Os poucos remates que efectuou para além de 12 metros foram mal, pessimamente colocados.

E ainda, o ataque foi feito por oito homens — que nunca deixaram os «halves» tchecos, no zona perigosa para os nossos, um espaço superior a uma dezena de metros entre si e os seus «forwards». E o facto mais frisante deste «chassé-croisé à huit» está numa passagem feita pelo «half-back centro», duma das extremidades da linha de «goal»!!!

E' opinião de extranhos que o «Sparta», continuando em primeiro logar entre os primeiros, tem contudo descido.

E' uma «équipe»: apenas rasoavel? De modo nenhum. E' preciso porém, não esquecer que estamos julgando o «team» considerado: «o melhor do Continente». Temos que ser exigentes.

* * *

Ha um ponto que desejamos destacar: o de demonstração brilhante de «association», esmaltada por toda a especie de irregularidades.

Parece ser esta uma caracteristica do «foot-ball» tcheco.

São unanimes as queixas em toda a parte onde jogadores desse paiz se exibem.

Nos jogos olimpicos de 1920, de tal forma se houveram, que levantaram quasi protestos.

Não houve «truc» que ontem não cometessem. E quando assim procedem ganhando — o que será perdendo...

A par desse vicio por demais conhecido, deram os visitantes bastas provas de fraca educação sportiva.

A incorrecção dum dos deanteiros, aquando de marcação do primeiro «goal», dispôz mal o publico E as incorrecções que se lhe seguiram, não foram de molde a transformar essa má disposição.

* * *

Dos nossos jogadores, pouco ha a dizer.

O «guarda rede»: pouco feliz.

Os «defezas»: bem o esquerdo; bastante mal o direito.

Os medios: defenderam quasi exclusivamente. O medio centro fez uma primeira parte muito boa, fraquejando na segunda.

Os deanteiros: quasi nada fizeram. De resto, a culpa não foi sua.

La culpa fué d'aquel...

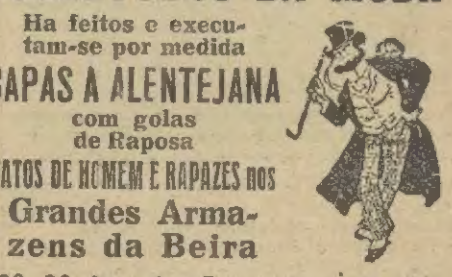
Urotropina SCHERING
O MAIS ACTIVO DE TODOS OS ANTISEPTICOS URINARIOS
PODEROSO DIURECTICO, empregue com optimos resultados em todas as PURGAÇÕES, GONORRHEIA, PROSTATITE, CYSTITE PUROLENTA, etc.
-EM TODAS AS BOAS FARMACIAS-

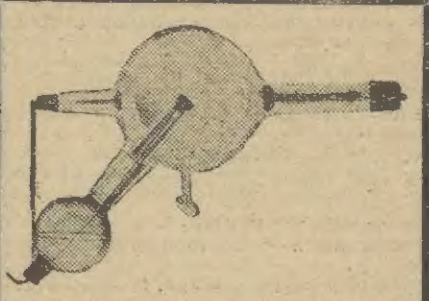
TEATRO SÃO LUIZ
TODAS AS NOITES
O mais extraordinario sucesso da actualidade
A celebre opereta de FRANZ LEHAR
FRASQUITA
Protagonista: AUZENDA DE OLIVEIRA

AVENIDA Telefone N. 4356
Grandioso sucesso Exito monumental
A peça mais linda de Lisboa
O João Ratão
Deslumbrante triunfo da
Companhia Satanela-Amarante
com Nascimento Fernandes

APOLO Tel. N. 4129
Empresa RUAS, Ltd.
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO
HOJE — A popularissima revista
VIDA AIRADA
Quarta-feira: Estreia dos graciosos e distinctos duetistas OS GERALDOS

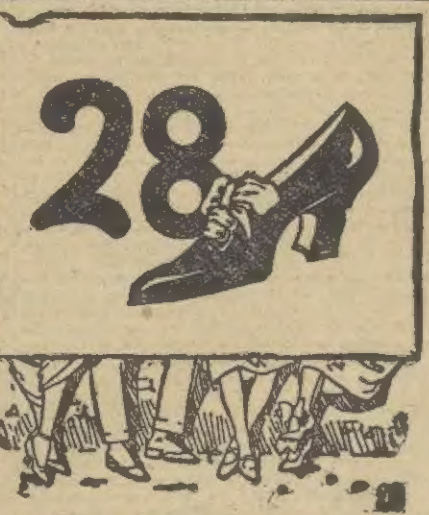
SOBRETUDOS DA MODA
Ha feitos e executam-se por medida
CAPAS A ALENTEJANA
com golas de Raposa
FATOS DE HOMEM E RAPAZES nos
Grandes Armazens da Beira
20, 22, Rua dos Retrozeiros, 24, 26
PERES & ABRANTES, SUCS.





Ampolas para radiologia
«PHILIPS»
Concessionarios exclusivos:
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
=LISBOA=PORTO=

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).



RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 2541

O TEMPO

Situação geral ás 7 horas: depressão estendendo-se da Islandia 738mm, á Irlanda 748mm e depressão secundaria no Golfo da Biscaia com tendencia a encher-se. Mau tempo de SE na Biscaia e nas ilhas Britanicas. Vento SW muito forte nos Açores indicando a vinda duma nova depressão. **Tempo provavel** em Lisboa no dia 8: Continuação do mau tempo com vento SW forte e chuva

A Cidade

CURSO DE DANSA
PELO PROFESSOR
MAGALHÃES PEDROSO
- COLEGIO PORTUGUEZ-BRAZILEIRO -
R. da Tôrre da Polvora, 6, 2.º (á Pampulha)
Telef. C. 3392

Chá das cinco

A ardente oferenda

Terra de Africa, Nostra ardente e fera!
—Só de te descobrir, logo o domava,
Ao primeiro que veio,—a lei severa
Do teu encanto de Senhora e Escrava!

E's nossa e estás ainda á nossa espera!
O' regaço em que o incendio, a Ignea lava
Se fez solo fecundo, selva brava,
Eterno outono e eterna primavera!

Desejada e amada, te domámos.
E a tua posse indómita, fremente,
Exalta e cria!
—Ha muito já foi Sagres,

Mas o sonho é igual! E navegamos
Ainda!...—Para ti, novo Oriente,
India-Nova, entre assombros e milagres!

Que a humildade, timbre e formosura
Da minha vida, a não afronte o canto
Que nesta hora ardente aqui levanto,
De olhos rasos, a alma certa e pura...

Humilde é em mim, e pobre, a creatura...
Quebrou-me a febre, placido quebranto...
Já a força amainou que tanto e tanto
Do meu querer ardeu na intenção dura...

Toquei a terra,—sinto-a no meu sangue
Com sua força indómita e bravia,
Com seus filtros de morte e tentação...

Africa! Amo-te embora! E, mesmo exangue,
Te bemdirei!—Lá fóra nasce o dia...
—Nasce-me o Sol tambem no coração!

Meio dia. Um silencio desigual
Exala-se da terra. Cinzeo, enorme,
Ao Sol, o Cuango mal deslisa, dorme
Entre bancos de areia, enchendo o vale.

Fere-me a vista a luz dura e brutal.
A febre é um berço. Embala-me conforme
Este quebranto me aguilhôa ou dorme
No silencio ofegante e desigual.

A alma vela, lampada mansinha
Mas indomavel...—Passam, pela minha
Alma, balsamos brancos... Com unção

Fecho os olhos... E digo:—Abençoada
Seja esta dôr...—Que mão forte e sagrada
Me embala o corpo e afaga o coração?...

(Inéditos)

Africa—Cuango, 4 de Nov. 1923.

AUGUSTO CASIMIRO

Coliseu dos Recreios

A nova companhia

Novinha em folha, toda grimpante de alegria e de côr, esta companhia que no sabado se apresentou pela primeira vez no amplo amfiteatro do Coliseu, diante de milhares de espectadores maravilhados. Dir-se-ia que regressáramos vinte anos atraz, aos bons tempos do grande e empertigado Santos, imperador dos emprezarios, quando o valor do nosso dinheiro permitia contractar os numeros de sensação, as grandiosas «troupes», os trabalhos «à frisson», as mais chistosas e celebres parelhas de «clowns». Mas a verdade manda Deus que se diga. Ricardo Covões é um discipulo inteligente de Antonio Santos e tanto mais arrojado quanto é certo que os artistas de circo custam hoje os olhos da cara, são pagos a peso de oiro. Trazer a Lisboa uma companhia como a que se estreou no sabado, é caso para se ficar de boca aberta; e o publico assim o reconheceu, aplaudindo com todo o entusiasmo todos os numeros do programa. Incorreu, porém, numa falta. Devia ter chamado o emprezario, cobrindo-o de palmas e de bravos.

A abrir, como um delicioso aperitivo, as «Irmãs Rubio», acrobatas equilibristas, graciosas, vivas, servindo de base a mais magrinha, por quem ninguem daria uma de X, mas que é, em materia de força, agil, de se lhe tirar o chapeu. Os «Quatro Leers Orvellos», ginastas de força dental, otimos; e elegantes, de uma beleza olimpica, os ginastas «Elvira Truder Partner», um duplo trapezio, a meia altura do circo, sem rede. Trabalho, em verdade, cheio de brilho e de dificuldade, feito, no entanto, com a maior «souplesse» e graciosidade. Mas os numeros sensacionaes da noite são os apresentados por Mr. Orlando, com os seus magnificos cavalos em liberdade e em alta escola,—este montado pela gentilissima M.elle Orlando, amazona á oriental,—e os «poneys» domadores, que fazem a delicia da pequenada. Mr. Orlando é um grande «écuyer», d'alto coturno, mestre em equitação. Os seus 12 cavalos, numerados, em que não falta o cavalo comico,—o n.º 8—são uma maravilha de inteligencia. E temos ainda a «Troupe Victoria», ciclistas musicos, numero de grande efeito, como uma girandola de côres. Estrearam-se os «clowns» «Gozzi Theodor Partner», que não fizeram o seu trabalho completo por—dizia-se á boca pequena—os seus colegas «Diaz», que entraram antes deles, se terem aproveitado do seu intermedio musical. Se assim foi, mau acto de camaradagem praticaram os simpaticos palhaços, que tanto devem ao publico de Lisboa. Apesar d'isso, os novos «clows» são magnificos e hão de certamente desforrar-se.

Foi mais uma noite de triunfo nos doirados anaes do Coliseu.

VIDA ARTISTICA

O pintor

dos lances tragicos

DA GUERRA

e o que é a sua exposição

Portugal, tão pequeno como a bandeira dando aos pés o cadaver do companheiro: é o quinas, que foi á Africa, que foi á India, que foi á America, tão alto e tão vivo, como as Latinas inclinadas de orgulho e de tempestade, que deram volta ao mundo—ha vinte seculos que batalha e triunfa, brandindo sempre o montante ciclopico de Afonso Henriques.

As paginas da sua historia, esfarrapadas e sangrentas, têm o clamor dos clarins heroicos, o estampido das bombardas, soluços de corações despedaçados...

E' uma Patria que, tendo combatido para viver, nunca encontrou um homem que inter-

SOUSA LOPES

pretasse, ou fixasse, já na tela, já no marmore, duma maneira eterna, a sua luta eterna para vencer a morte, arrancando-lhe a imortalidade.

Vinte seculos de historia, conduziram-na a um ponto, entregaram-na a um artista. Esse artista é Sousa Lopes. O seu nome não é uma criação fortuita do relampago da grande guerra, é a afirmação de quem, tendo trabalhado, encontra, por um conjunto de circunstancias, drama que lhe baste á retina e a faça vibrar em paroxismos de dôr, de sangue, de tragedia e de sofrimento.

Eis ali a guerra, poderemos dizer, em frente das suas telas? Sim e não. Sim, porque o artista fixou dois ou três belos instantaneos lancinantes, em que o homem, apagando a consciencia, se sente titan, formidavel de odio, colera de vulcão e de hiena, que pulveriza e ruge.

Sousa Lopes pintou o esforço individual, não pintou o esforço colectivo. O primeiro é o drama; o segundo é a epopeia. Trouxe da França a tinta sangrenta das batalhas, mas deixou lá ficar os panoramas envolvidos em fogo, aurora eterna, que fez da noite dia e do dia noite. Mas é possivel um cerebro conceber dez milhões de homens, condensados em dez mil quilometros, lutando, rasgando a terra, plesiosauros esfaimados, com impetos de jaguares, devorando-se, atirando, a mãos cheias a dinamite, emquanto as guelas dos canhões, rubras de chama, vomitam o ferro da morte? Não! Este lance, estas horas supremas, ineditas na historia do mundo, podem ser, quanto muito, referidas em palavras baças, que não ouvam como as bocas dos soldados, que não crepitam como as granadas que deflagram, que não rolam como os trens de artilharia nas calçadas—e nunca, numa tela, limitada, onde o artista é obrigado a parcializar a vida, não podendo universaliza-la.

Sousa Lopes tem cinco grandes quadros. Cada um deles tem uma ideia. O do soldado desconhecido: é a morte, dolorosa e vivida pelos que ficaram. O da trincheira, onde um homem se ergue, apostrofando o horisonte, tendo odio.

O do canhão, que um soldado despedaça a picareta: é o heroismo. O quarto, portugueses que acabam de ser rendidos: é a tragedia, o espanto da morte, o cansaço infinito. O ultimo: marcha dum batalhão, através das casas duma aldeia em fogo, representa a virtude da raça.

Nestas cinco telas, cada uma com a sua fisionomia, a sua hora, o seu pensamento, maravilhosas de concepção, largas de tinta, sangrentas de chama, ou geladas de neve—está encerrado o ciclo da guerra, até onde a retina humana o poude vislumbrar.

Vamos á primeira. E' na Batalha. Hora de sol. Sente-se no ar o desespero dos sinos, uma chuva de lagrimas; a dôr transforma-se em som e o clarão longinquo das bandeiras, açoita o velho oiro da catedral. Um canhão. Sobre ele, o cadaver anonimo. Em volta, procissionalmente, passam as mães dos soldados desconhecidos. A terceira ou quarta figura, de mãos erguidas, face ravinada e sangrenta de dôr, é magistral. É o sofrimento brutal, explosivo, crepitante. Pena é que Sousa Lopes, tivesse recortado demasiadamente as atitudes e não tivesse estudado as vibrações do sol sobre as figuras, o que, tecnicamente, devia produzir uma fuga, uma linha hesitante de planos, no luto das mulheres.

Soldados rendidos é, quanto a nós, o melhor trabalho exposto. Ar gelado; terra fresca de neve; cruzes dum cemiterio ao lado; a caverna da trincheira meia soterrada. Desolação. Espanto até ao horizonte. Neve amassada com a morte, gelando-nos, embebendo-nos de misterio e de arrepios. No primeiro plano, marcham, lentamente, os soldados. Seis figuras de pesadelo, acabrunhadas de cansaço, de lassidão infinita, amolecidas, curvadas, com as orbitas muito largas, como se nelas vivessem cadaveres e panicos relampagos de tragedia. Escorrem neve, as mascaras. E' um desfilar de espectros, que sairam da morte, e dormiram sobre ela, porque os covais estão perto...

O quadro do odio, assombra. A figura do soldado, erguido sobre a trincheira, batido por uma chama rubra, apostrofando o horizonte e o inimigo, desenhado com relêvo, com impeto, com ferocidade mesmo, tem a grandesa dum bronze, amassado pelas forças apocalipticas da guerra.

Mais teatral, e talvez mais artificial é o quadro a que eu puz o titulo de heroismo. Há labaredas, há lampejos, sangue no horizonte, há corpos despedaçados, triturados pelas rodas do canhão. A figura do soldado, herculea, de musculos retesados, firme duma vontade indestrutivel, está admiravelmente lançada. Mas há na composição um desejo de grandesa, de patriotismo talvez, que pode muito bem atraiçoar um pouco a verdade. O ultimo quadro, a marcha do regimento, através duma aldeia bombardeada pelo inimigo, cheia de feridos e de fugitivos, tem impeto heroico, caminha, corre, quere chegar para vencer. E' uma bela tela de movimento, de carga guerreira, onde há apenas um senão: a atitude dum oficial, cuja plastica é equivoca.

Sousa Lopes dá-nos depois a sua galeria dos desenhos, aguas-fortes e carvões. Feitos na guerra, são a propria guerra: fugas na noite, ataques, bombardeamentos, lençois de fogo, crateras de metralha convulsionando a terra, emfim, paginas de sangue, de morte e de terror, a que um belo artista conseguiu dar a scentelha maxima de criações perfeitas, que, por vezes, tocam o genio e a loucura.

Artur Portela

POR BEM FAZER...

Pobre

que insulta

os que se condoem

da sua sorte

Aqui ha tempos—na coisa de semanas—contou o «Diario de Lisboa» o caso daquela antiga lavadeira de Odivelas que a policia encontrou por uma noite de frio e de chuva, abandonada num caminho, para os lados de Carriche. Transportaram a velha para o governo civil; deram-lhe, até outro destino se lhe deparar, o resguardo dum calabouço; e um camarada nosso lá foi vê-la naquela postura de miseria extrema em que se achava, repugnante de sugidade, faminta, o corpo hypoteticamente coberto da mais andrajoza farrapagem.

Era um assunto; e o assunto aproveitou-se, pintando com verdade a situação da desgraçada.

Uma leitora, que não conhecemos porque escondeu no anonimato a sua impressionante benemerencia, comoveu-se como nós nos haviamos comovido já,—o seu grande coração de mulher a palpitar de pena ante aquela tragedia duma vida—e, mandou-nos uma esmola para a Gertrudes Maria; que assim se chama a infeliz. Roupas: camisola, camisa, saia, casaco, um chaile—e 7$00 em dinheiro.

Pois sabem o que aconteceu?

* * *

Aconteceu que, de pesquiza em pesquiza, fomos dar com a lavadeira no Refugio e Casas de Trabalho em Belem. A policia entregára-a á Assistencia Publica, e a Assistencia Publica confiára-a aos cuidados daquele explendido estabelecimento de caridade.

A Gertrudes Maria estava sentada numa explendida cama; rodeada de carinhos, enroupada de lavado; a cuidá-la, solicitudes de medicina e comodidades de instalação que muitos de nós invejariamos.

—Trago-lhe um presente—puzemos, a preparar o efeito da surpreza.

—Ela está melhorsinha.—informou a enfermeira, uma senhora delicadissima que a pequenada trata como mãe—mas o que não quere é lavar-se. Teimou que não tomaria banho...

A velha, mal ouviu falar em lavagens, soltou um palavrão de colareja bebeda.

A pobre senhora fingiu que não ouvira; o jornalista desviou a conversa para novo rumo; e a Gertrudes Maria a insistir, a insistir malcreadissimamente, disse outra arrieirada de envergonhar o mais amoral dos deprovados.

—Bem. Isso fica para depois. Trago-lhe aqui...

—Leve, leve. Eu não preciso. Gente velha não quere presentes. O que vocês querem sei eu!

—Oh creatura, o que nós queremos é o seu bem. Então...

—Já lhe disse. Não cresco nem mingo. Farta de agua estou eu até aos olhos...

Lembrou-se-lhe amigavelmente a inconveniencia do fraseado; procurou-se falar-lhe ao coração; tentaram-se rodeios para conter aquela tempestade de indecencias; e ela, cada vez mais desbragada, cada vez mais bruta de imoralidades faladas, saiu-se, a certa altura, com esta, que póz termo decisivo á conversa:

—Olhe: leve isso para outra pessoa, ou então, meta ...

O resto foi de tal ordem, que saimos vexados da enfermaria.

Vá lá a gente comover-se com a desgraça de certas creaturas!

* * *

Quanto á esmola, resolvemos não lh'a entregar, sem consultar a pessoa que tão generosamente no-la mandou. Lá ficou, confiada á guarda da direcção do estabelecimento, até que a senhora que se apiedou da lavadeira, decida se ha de ser-lhe dada, apesar de tudo, ou se deve contemplar-se com ela outra pobre que mais a mereça.

A caridosa anonima dirá.

COLARES-BURJACAS
O melhor vinho de meza

A Cidade

Colchoaria Quintão
Colchões de arame e de molas
Colchoarias em todos os generos
Cretones e setinetas
Panos de mesa, tapetes de Beiriz e almofadas
Edredons, grande sortido
R. Serpa Pinto, 10 R. Ivens, 30
Telefone C. 5194

O NOSSO TEATRO

A peça

"Fogo Sagrado,,
de Ed. Schwalbach
no Trindade

Já dissemos aos leitores que o teatro da Trindade reabre, após as obras importantissimas com que foi melhorado, com uma peça do brilhante comediografo Eduardo Schwalbach.

Esse novo trabalho do autor inconfundivel de «Os Postiços» deve ser, certamente, uma das suas mais scintilantes produções, porque foi escrita com o maior carinho para o fim a que se destina—a reabertura duma casa de espectaculos que o publico sempre distinguiu com a sua predilecção e que conta na sua existencia noites cheias de gloria.

Quizemos ouvir sobre o «Fogo Sagrado»—assim se intitula a peça—Eduardo Schwalbach.

A primeira frase do escritor distinto que escreveu o «Poema de Amor» foi esta:

—Sabe que é dificil, senão impossivel, julgar dos meritos do que nós proprios escrevemos

—Mas não se trata de elogiar em boca propria. O que desejavamos era conhecer as caracteristicas do seu novo trabalho, para as transmitirmos aos leitores.

Eduardo Schwalbach, sempre joven de espirito, sem se dispensar de dizer duas «blagues», respondeu:

—Trata-se duma peça leve a que não faltam, no emtanto, situações que se me afiguram muito interessantes. Os seus três actos, nada longos, passam-se em meios inteiramente diversos. O segundo acto deve ser até de representação dificil, visto que grande parte dele está mais na vida interior dos personagens, do que na sua vida exterior. «Fogo Sagrado» é, segundo creio, uma peça de sentimento e de observação.

—A acção da scena?...

—O primeiro acto entre S. João do Estoril e Cascais; o segundo em Bemfica e o terceiro em Lisboa.

—Quem se encarregou da scenografia?

—Dois artistas de muito merito: Luís Salvador e José Mergulhão. O segundo acto é do primeiro; o primeiro e o terceiro do segundo. Foram pintados com uma grande nota de verdade.

—O guarda roupa?

—Pertence ao grande artista portuense Jaime Valverde. Na peça ha três numeros musicados por Nicolino Milano, sem necessidade de orquestração.

—Quem interpretará o *Fogo Sagrado?*

—A companhia Aura Abranches. Uma escolha muito acertada do arrojado empresario José Loureiro que, como poucos, sabe o que faz.

E nada mais disse Eduardo Schwalbach que, em menos de oito meses, produziu três originais: *O Partapatão*, para a companhia Cremilda-Chaby; *O Boneco de Sabugo*, revista que não chegou a ser representada, por falencia duma empresa, e agora o *Fogo Sagrado*, que o publico de Lisboa vai ter o prazer de apreciar.

Agencia geral de Angola em Lisboa
Rua da Prata, n.º 34, 3.º
PESSOAL OPERARIO
Contrata-se para serviço dos Caminhos de Ferro do Estado, na Provincia de Angola, o seguinte pessoal:
Maquinistas de locomotivas, caldeireiros de ferro, caldeireiros de cobre, serralheiros, ferreiros, fundidores, torneiros, carpinteiros de moldes, carpinteiros de carruagens e carpinteiros de branco.
O agente geral de Angola
(a) *Tomaz Fernandes.*

PELA INSTRUÇÃO

A Junta
Orientadora de Estudos
NA OPINIAO
de Aurelio Quintanilha

Aurelio Quintanilha, um nome que simbolisou muita mocidade e teve a sua epoca nesta Lisboa, capaz de se apaixonar pelas grandes e generosas aspirações, é agora professor na Universidade de Coimbra. A' sua inteligencia lucida, culta, disciplinada, preguntámos a opinião quanto á Junta Orientadora de Estudos, creada por Antonio Sergio. E o dialogo trava-se.

—Viu o decreto que cria a Junta de Orientação dos Estudos?

—Vi.

—Que lhe parece?

—Esplendido.

—Crê que a Junta poderá fazer alguma cousa de util?

—Isso depende principalmente de dois factores: da *quaudade* das pessoas nomeadas e da *quantiaade* das receitas alcançadas para essa obra. Quanto ás pessoas—creio que ainda não foram nomeadas—mas tenho ouvido citar nomes que são para mim garantia bastante. Quanto ás receitas, não sei.

—Onde pensa o ministro ir busca-las?

—Disseram já os jornais que tenciona apresentar ao Parlamento propostas criando á Junta receitas proprias. Mas conta, além disso, com a iniciativa particular e nesse sentido...

—Os particulares em Portugal não dão dinheiro para isso.

—Pelo menos até agora não têm dado, isso é verdade. Mas, tambem é certo que, até agora, não lh'o têm pedido aquelas pessoas que têm a categoria mental, scientifica e moral para o fazerem. No Instituto Botanico de Coimbra, onde trabalho, apenas me recordo de termos recebido duas ofertas. A primeira foi de uma senhora inglesa, Miss Gibbs, que presenteou a nossa biblioteca com a colecção de uma revista britanica, que valia, ao tempo, cêrca de sete contos. E a outra foi da sr.ª D. Matilde Bensaude, que, apesar de portuguesa, fez lá fora a sua educação e por lá aprendeu a ser generosa com os Institutos Scientificos. Esta *patricia*, por quem tenho a maior consideração, assinou, para nos oferecer, uma das melhores revistas de botanica americana. Estou convencido, porém, de que os nossos homens de dinheiro tambem são susceptiveis de o darem para empreendimentos desta natureza, desde que lh'o saibam pedir e lhes inspirem confiança as pessoas encarregadas de o administrar.

—E, propriamente, quanto aos objectivos da Junta?

—Concordo. A junta, como diz o decreto, vai ser um organismo tecnico com caracter firmemente destinado, não só a orientar e coordenar os esforços actualmente dispersos de remodelação do nosso ensino, mas, ainda, os trabalhos de investigação scientifica. Este conselho permanente é indispensavel á unidade e continuidade da obra.

Quanto, propriamente, aos objectivos, reputo de capital importancia a criação de escolas experimentais modelos e o serviço organizado de Bolsas de Estudo.

Estou convencido que as escolas experimentais vão exercer uma poderosa influencia na renovação dos nossos metodos pedagogicos, pelo exemplo e pelo incitamento que hão de, necessariamente, representar.

—E as Bolsas de Estudo?

—A sua organisação metodica, inteligente e em larga escala representa, para mim, a base indispensavel a toda e qualquer reforma. E' que no campo da sciencia e no campo da pedagogia não ha outro remedio senão sermos todos internacionalistas! A tecnica scientifica e os processos pedagogicos não se aprendem nos livros. Indispensavel é ir lá fóra, *vêr trabalhar*, assistir ao funcionamento das escolas onde se praticam os metodos de maior eficacia. Foi assim que a America e o Japão fizeram os seus investigadores e prepararam o seu professorado. Creia, meu amigo, emquanto prepararmos os futuros mestres pelos actuaes processos, assentando nas catedras os estudantinhos mais aplicados, sem lhes abrirmos, previamente, os olhos e arejarmos as ideias ao contacto de outras civilisações, com ideias diferentes e processos novos de trabalho, o nosso corpo docente ha de estar, necessariamente, abaixo das necessidades do momento que passa.

MISTERIO QUE SE DESVENDA...

Um acontecimento
SENSACIONAL

Ha muito tempo que toda a gente vinha preguntando, intrigada, o que se ocultaria debaixo de certo tapume da rua Augusta.

E, se por um lado, os intrigava o misterio, tambem é certo que, por outro lado, se via em todos o desejo sincero de vêr arredado dali aquele monstro que não só a desfeava, como prejudicava o enorme transito daquela aristocratica arteria.

Hoje, desvendou-se, por fim, o misterio:

Os milhares de pessoas que passavam pelas ruas da Baixa, ficaram maravilhadas, vendo surgir, por detrás daquele tapume horrendo e inestetico, um dos melhores estabelecimentos da capital.

Tratámos logo de colher informações. E soubemos que a *Sapataria Vetsailles*—que assim se chama a casa—tem como gerentes dois conhecidissimos industriais cujos nomes são o seu melhor réclame e a maior garantia do seu triunfo.

De resto, esse triunfo está bem patente nas *vitrines* dessa casa—que indubitavelmente ficará sendo a mais *chic* no genero—onde se encontram os mais lindos e solidos exemplares de calçado.

Se o leitor não acreditar só pelo que lhe dizemos—vá vêr e depois dirá ainda muito mais e melhor do que nós da *Sapataria Versailles.*

Pelos teatros

Amelia Pereira

Amelia Pereira, actriz que se tem revelado, vincando grandes faculdades de exteriorização, e que ainda há pouco, na recita da «Feio Teatro», nos deu duas soberbas criações no papel de bruxa do Auto de Gil Vicente, e no de «Mulher dos ratos», no «Pequeno Eyolf», de Ibsen, é, incontestavelmente, já, uma das nossas primeiras artistas, descendente directa, nos papeis de caracteristica, da grande Adelina Abranches.

AMELIA PEREIRA

Atrás do reposteiro

Efectuou-se ontem, na residencia do actor Tomaz Vieira, a leitura da opereta «Zézé», da autoria dos srs. Alvaro Leal e Manuel Santiago, musica de Raul Ferrão. A' leitura assistiram, entre outros convidado, o emprezario Armando de Vasconcelos e os artistas Auxenda de Oliveira e Sales Ribeiro, saindo todos com a impressão de que se trata de uma peça puramente portuguesa, de musica encantadora, ora alegre, ora sentimental, que delicia e valorisa o «libreto». O entrecho é original, com graça, percorrendo toda a acção um breve fio sentimental, que enternece e comove. A opereta destina-se ao S. Luís.

—Teve uma despedida muito afectuosa, em S. Carlos, a companhia Lucilia Simões, tendo sido esta ilustre artista, seu marido o actor Erico Braga e os demais artistas, carinhosamente aplaudidos pelo numeroso publico que enchia o teatro. A companhia Lucilia Simões seguiu hoje para Evora, devendo estrear-se á noite, no teatro Garcia de Rezende, com a «Zázá».

—Na Nacional continuam os ensaios da peça do escritor Augusto de Lacerda, «O Pasteleiro de Madrigal», apresentada no ultimo concurso de originais portugueses, onde obteve a primeira classificação, com o titulo «Rei ou Vilão». Para esta peça estão pintando os scenarios Luís Salvador, Mergulhão e Campos de Oliveira.

—Encheu-se ontem, totalmente, o Eden-Teatro com a opereta portuguesa «O Fado».

—A acção da peça «Cristalina», dos irmãos Quintero, passa-se em Madrid.

—Amanhã, no Apolo, realisa a sua festa artistica a gentil actriz Dina Moreira, indo á scena o 1.º acto da popular revista «Vida airada», o quadro da «Esquadra» da revista «De Capote e Lenço», com Laura Costa, Dina Moreira, Joaquim Prata, Aurelio Ribeiro, Artur Rodrigues, Telmo de Sousa, José Silva, Reginaldo Duarte e Alfredo Silva, fechando o espectaculo um acto de variedades com Laura Costa, Deolinda de Macedo, Lina Demoel, Ema de Oliveira, Maria Isabel, Filomena Casado, Lubelia Stichini, Dina Moreira, Alberto Ghira, Helbeche Bastos, Santos Carvalho, Telmo de Sousa e Alfredo Silva.

—O artista e ensaiador Pedro Cabral, que se propõe continuar a «Carteira do Artista», iniciada por Sousa Bastos, enviou aos emprezarios teatrais uma carta, da qual extractamos o seguinte:

—Sai brevemente para a provincia e estrangeiro, onde já tem alguns contratos, a «tournée» Dessauer. Este grupo de artistas apresenta espectaculos inteiros de variedades,—genero novo no nosso pais,—constando de canções, bailados, declamação, prestidigitação e alto ilusionismo, para o que está admiravelmente provido. Desta «tournée» fazem parte, entre outros, os simpaticos artistas Augusta Guedes, Sara Lima, George Dessauer e Luigi Frezzini, a quem desejamos uma boa e feliz viagem.

Polliteama HOJE
O OUTRO EU

Mendonça, Limitada

TELEFONE, 16 NORTE

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES — COLOCAÇÃO DE CAPITAL SOBRE HIPOTECAS E LETRAS
LEILÕES DE MOBILIAS
EM CASAS COMERCIAES E PARTICULARES
TRESPASSES

Comissões e consignações

AVENIDA DA LIBERDADE, 119-A — LISBOA

Luiz Tuñón

FALECEU

Sua familia cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento em Bissau (Guiné Portuguêsa) no dia 12 de Dezembro de 1923.

José Quaresma Paiva

Maria de São José Avanti Quaresma Paiva.
Estefania Avanti Quaresma Paiva.
Estefania Quaresma Paiva de Bettencourt Furtado e seu marido.
Adolfo Correia de Bettencourt Furtado.
João Quaresma Paiva e seu filho.
Manoel Quaresma Paiva e sua esposa.
Cesaltina Nunes Paiva.
Juvenal Quaresma Paiva.
Orlando Quaresma Paiva e sua esposa.
Maria Antonia Val do Rio Paiva.
Augusta Cardoso Esteves e seu marido.
Soledade Gonsalves Avanti e filha.
Manoel Gonsalves Avanti.
Anna Quaresma Val do Rio e filhos.
Maria da Piedade Val do Rio.
Joaquim Lopes de Paiva e filhos.
Antonio Lopes de Paiva, sua esposa e filhos.
Herminia Paiva Martins, seu marido e filhos (ausentes).
Narcisa Paiva Nunes e seus filhos (ausentes).
Mariana Paiva Dias, seu marido e filhos (ausentes).
Maria dos Remedios Paiva Godinho, seu marido e filhas (ausentes).
Aurelia Quaresma Val do Rio Carvalho Henriques e seu marido.
Alberto Pedro de Carvalho Henriques e filhos.
José Quaresma d'Oliveira Val do Rio.

E mais familia, participam ás pessoas das suas relações que o funeral de seu querido e desditoso pae, irmão, cunhado, tio, sobrinho e primo, terá logar ámanhã, 8, pelas 14 horas, da Egreja dos Anjos para o Cemiterio Oriental.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24
PORTO — PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

DINHEIRO

sôbre joias, ouro, prata, platina, papeis de credito, automoveis, motos, mobilias, pianos, etc., empresta a juro convencional

A IDEAL, L.da — Rua d'Assumpção, 88-1.º Telef. N. 5180 LISBOA

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1906
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO DE JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1901 LISBOA 1894 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Farinha Peitoral Ferruginosa

Tonico reconstituinte, e precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Muito recomendada pelos Medicos a todos os debelitados, convalescentes de qualquer doença, na alimentação das parturientes e amas de leite, pessoas edosas, anemicos e creanças. Mais de 50 anos de resultados sempre eficazes comprovados por numerosos atestados.

DEPOSITO GERAL - FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA
À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

EXIJA SEMPRE AS LAMPADAS
VISSEAUX-CERES
RESISTENCIA ECONOMIA INTENSIDADE

José Quaresma Paiva

Baptista & C.ª participam aos seus amigos e pessoas das suas relações o falecimento do seu querido socio cujo funeral terá logar ámanhã, 8, pelas 14 horas da Egreja dos Anjos para o Cemiterio Oriental.

José Quaresma Paiva

J. Roma L.da participam aos seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento do seu querido socio cujo funeral terá logar ámanhã, 8, pelas 14 horas da Egreja dos Anjos para o Cemiterio Oriental.

TORPEDO
J. Anão, L.da
Rua dos Fanqueiros, 376-2.º

AMOSTRAS GRATIS

Solano
DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.da
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697 - N.
TELEGRAMAS: FITELES -
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE CHROMO, GRAVURA E RELEVO

L. POÇO NOVO, 30

José Quaresma Paiva

A Empresa de Construções Populares (Paiva, Santos & C.ª) participa aos seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento do seu socio, cujo funeral terá lugar ámanhã, 8, pelas 14 horas, da Egreja dos Anjos para o Cemiterio Oriental.

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

OURO, prata, joias e relogios em 2.ª mão, ha sempre na
Calçada do Duque, 43
CASA DO ALPENDRE

Lampadas e Lamparinas electricas
Mendes & Paixão
14, RUA DA BOA VISTA, 14

ESTRANGEIRO

INSTALAÇOES ELECTRICAS
Mendes & Paixão
14, RUA DA BOA VISTA, 14

DE INGLATERRA

A força

dos trabalhistas

do Estado livre da Irlanda está enfraquecida?

DUBLIN, 7

Os trabalhistas do Estado Livre da Irlanda estão em muito má situação politica. Apoiaram a separação da Irlanda e a sua influencia nesse pais é agora muito pequena ao passo que os trabalhistas da Inglaterra e da Escocia estão prestes a tomar conta do governo em Londres.

Apesar disto os trabalhistas irlandeses não estão arrependidos da atitude tomada e pensam, apesar das suas forças parlamentares estarem muito reduzidas, a trabalharem activamente para conseguirem desempenhar um papel identico aos dos seus camaradas da Inglaterra e da Escocia.

O motivo do enfraquecimento da sua força parlamentar veiu de que a população se irritou com a serie de greves que perturbaram a vida economica do Estado Livre.

A campanha de violencias que se seguiu á proclamação do Estado Livre da Irlanda tendo causado muitos danos e prejuizos exige uma politica de pacificação em que não estão bem as reivindicações dos partidos da esquerda.— (R.)

O governo

do partido trabalhista

LONDRES, 7

Formula-se muitas hipoteses acêrca da formação de um ministerio trabalhista.

Diz-se que o sr. Ramsay Macdonald combinaria a sua posição de primeiro ministro e de primeiro lord da Tesouraria com a de ministro dos negocios estrangeiros.

O partido trabalhista ofereceria o cargo de lord chanceler a lord Parmoar que o aceitaria.

Nesta hipotese lord Haldane aceitaria provavelmente a pasta da instrução e lord Meston secretariado de Estado da India.

O sr. Ramsay Macdonald disse ao sr. Artur Henderson que se mantivesse prestes para disputar qualquer eleição parcial que por acaso aparecesse.

Falam-se noutros nomes para variados cargos admitindo-se portanto nestas conjunturas a hipotese da breve subida ao poder de um governo trabalhista.—(R.)

A reedificação

dos edificios danificados

DUBLIN, 7

Torna-se necessario reconstruir todos os edificios que nas ultimas lutas ficaram danificados e construir outros exigidos pelo crescente turbanismo, mas os operarios longe de concordarem com os seus camaradas ingleses com diminuições de salarios exigem aumentos que tornam de tal forma caras as construções que é impossivel fazer-se qualquer trabalho o que redunda em prejuizos dos proprios operarios.—(R.)

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF C 1196

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

As escolas

primarias superiores

em França e em Portugal

Um criterio de econonias

que pode trazer serios prejuizos

PARIS, 4.—Para o *Diario de Lisboa*—As escolas primarias superiores vão ser suprimidas—dizem os jornais portugueses.

Uma medida de semelhante natureza num país que se diz democratico, demonstra apenas que em Portugal ainda não se compreendeu o fim do ensino primario superior.

Nas escolas primarias superiores não se trata de formar sabios ou de fazer concorrencia ao ensino secundario. O Liceu é a ponte de passagem que conduz aos cursos superiores; a Escola Primaria Superior prepara directamente para a vida.

E a verdade é que o ensino secundario não corresponde ás necessidades da nossa epoca, por convir apenas a uma «élite», á qual estão reservadas as carreiras superiores, não servindo para todos os que se destinam ás carreiras profissionais.

O ensino primario superior, mais simples e de curta duração, é o que convém a todos aqueles que precisam de estar preparados para a vida aos 15 ou 16 anos. E assim, este ensino deve associar um complemento de instrução geral a um começo de educação profissional.

E' este o espirito das escolas primarias superiores francesas, espalhadas hoje por todo o país; o que corresponde ao desejo de mr. Millerand, actual presidente da Republica, que dizia em 1910: «As escolas primarias superiores devem espalhar-se em França como o ar que se respira».

E' certo que as escolas portuguesas estão mal instaladas; não têm oficinas de trabalhos manuais nem laboratorios de fisica e quimica.

Mas o mal não se remedeia, destruindo o que existe. Seria caso para se dizer que as escolas primarias gerais e a maioria dos liceus deviam desaparecer tambem, visto não corresponderem aos seus fins.

* * *

O parlamento que votar a supressão das escolas primarias superiores pratica um erro e um erro gravissimo. Haja em vista o que se passou em França:

Foi a lei Guizot de 1833 que criou essas escolas. Contra elas se levantou o espirito classico das universidades, alcunhando o ensino primario superior de ensino «d'éjecter».

As escolas foram fechadas, mas algumas houve que teimaram em viver, equilibrando-se, melhor ou peor, com donativos particulares, tais como a Escola Turgot de Paris, Pélègrin em Bordeus e Martinière em Marselha. Porém, a Terceira Republica compreendeu a obra de Guizot e abriu novamente as escolas, dando-lhes uma organisação modelar.

Criaram-se então secções tecnicas que variam segundo a localidade. Nas escolas das grandes cidades ha sempre 4 secções: geral, comercial, industrial e ménagère. A secção agricola e a secção maritima nas regiões agricolas e de beira mar.

Os programas do primeiro ano são comuns a todas as secções e têm por fim coordenar e completar os conhecimentos adquiridos na escola primaria.

A partir do segundo ano, os cursos modificam-se e os alunos são repartidos pelas diferentes secções, segundo a profissão escolhida.

A Belgica chama ás escolas primarias superiores escolas complementares, e dá-lhes tanta importancia, que ainda ha pouco lhes introduziu grandes reformas, no sentido de tornar o ensino mais pratico e mais util.

Oiçamos ainda o que mr. Poincaré, o penultimo reitor da Academia de Paris, disse num dos ultimos discursos, proferidos na Univerdade:

«O ensino primario superior corresponde ás necessidades bem definidas de uma classe social; nisso reside a sua força — «Il préfase les sous-officiers de l'armée du travail; la destinée des armées repose lourdement sur la valeur de ses sergents».

Oxalá os poderes publicos de Portugal se convençam de que as medidas de supressão de despesas não devem começar pela pasta da instrução e muito menos pelo ensino primario.

Até hoje não nos consta que nenhum dos novos detentores de grandes fortunas se tenham lembrado de auxiliar a instrução popular. E é pena, porque, se, no meio das transformações sociais que se estão operando, em todo o mundo, ai de nós se o povo português não estiver instruido e educado para compreender os seus direitos e deveres.

Irene de Vasconcelos

SEGURO INDISPENSAVEL
O SEGURO DOMESTICO
unico contra INCENDIO ROUBO ACCIDENTES DE TRABALHO do pessoal domestico
numa só apolice
Premios excepcionalmente reduzidos—Seguros em todas as moedas

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital realizado Esc. 1.000.000$00
Reservas Esc. 1.372.309$43,2
Séde:
R. GARRETT, 95
Telefone 4084
Filial no Porto:
P. GUILHERME GOMES FERNANDES, 10
Telefone 1459
AGENCIAS EM TODO O PAIZ

DE ESPANHA

A pesca

e qual a atitude

que tem tomado o governo para com Portugal

VIGO, 7

A Associação Geral das Industrias Pescatorias recebeu uma Real ordem — comunicado do ministerio dos Negocios Estrangeiros — em que se diz que desejando o governo que terminem rapidamente os incidentes derivados do exercicio da industria da pesca nas aguas espanholas e nas aguas das costas portuguesas tinha pensado nomear uma comissão tecnica espano-portuguesa que se encarregasse do exame dos incidentes mais recentes, castigando quem o merecesse e que elaborasse um projecto de regulamento para o exercicio mutuo da pesca nas aguas de ambas as Nações, e convidando a dita associação a designar um representante para tomar parte como delegado nas resoluções da comissão acima mencionada.

A noticia produziu a melhor impressão pelo caracter de excepcional interesse para esta região e pelo espirito de justiça e equidade que o anima— (R.).

As festas

e as cerimonias dos Reis Magos

MADRID, 7

Na Capela Real celebrou-se a Festa dos Reis Magos, assistindo toda a Familia Real, alta aristocracia, autoridades e muito povo.

Finda a cerimonia religiosa, pelo meio dia, realisou-se uma recepção que decorreu brilhantissima.

A Rainha Vitoria esteve no Hospital de Santa Adela distribuindo brinquedos ás crianças, sendo acompanhada pelo Principe das Asturias e pelas infantinhas Beatriz e Cristina. A Rainha foi depois visitar os feridos e enfermos de campanha.

O estado de saude da Rainha Cristina tem melhorado sensivelmente. — (L.).

Alhucemas

visita o rei D. Afonso

MADRID, 7

O rei Afonso XIII recebeu ontem o marquês de Alhucemas, chefe do governo derrubado pelo golpe militar de Primo de Rivera. O visitante foi agradecer ao rei os parabens que este lhe enviou no dia dos seus anos e é a primeira vez que, depois da ditadura militar, volta ao palacio.—(R.)

A acção

da junta do pessoal judiciario

MADRID, 7

Na presidencia do Directorio foi fornecida uma nota á imprensa relativa á acção da junta inspectora do pessoal judiciario, creada pelo governo militar, e a qual ordenou 15 destituições, 2 transferencias e 8 baixas de posto e varias repreensões. Fizeram-se 103 sindicancias, das quais 79 estão já concluidas.—(R.)

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Londres, cheque	1 7/8	1 121/128
£/Paris	1$43	1$49,5
£/Madrid	3$81	3$83
£/New-York	29$80	30$00

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Holanda	11$27	11$35
£/Suiça	5$19	5$23
£/Brasil	3$20	3$23
Libra esterlina	141$00	143$00

NOS MEIOS REALISTAS

Protesto
dos monarquicos
que discordam
da orientação
do "Correio da Manhã,,

E' curioso o que se vem passando de ha alguns anos a esta parte nos varios organismos politicos nacionais. E não só nos partidos do regimen.

A tendencia de desagregação estende-se tambem aos meios realistas.

Em seguida a Monsanto, onde combateram sob a mesma bandeira, constitucionais, integralistas, miguelistas e monarquicos sem qualquer destas tendencias, devido a factos que são do dominio publico, a causa monarquica dividiu se em três grupos: os monarquicos independentes—a maioria—os integralistas e legitimistas, defendendo a candidatura do sr. D. Duarte, e os constitucionais, defendendo a do sr. D. Manuel.

Veiu o Pacto de Paris; e quando se julgou que estavam feitas as *pazes* entre os monarquicos, viu-se que elas apenas estavam feitas entre os Principes. Porque o grupo integralista, destacando se do xadrez politico, suspendia a *Monarquia* e a sua actividade politica, repudiando o Pacto.

* * *

Entretanto, na causa manuelista que até hoje ainda não apresentou o seu programa politico, social, economico e religioso, ficavam alguns elementos, defendendo uns todas as ideias integralistas, outros uma parte delas.

Estes elementos, metidos nas Juventudes Monarquicas Conservadoras, em breve conseguiram pela sua acção uma situação de destaque devido á orientação do *Correio da Manhã* que é acusado de liberalista, resolveram dirigir ao Conselho Politico uma representação que, assinada por monarquicos que acataram o Pacto de Paris, será publicada e entregue ainda esta semana.

Nesse documento que tem algumas centenas de assinaturas, pede-se ao Conselho Politico que, em presença dessa orientação, suspenda imediatamente o *Correio da Manhã*.

O GOVERNO
e a compressão de despesas

O conselho de ministros voltou hoje a reunir-se, como estava anunciado, ocupando-se principalmente da extinção das vagas existentes nos diferentes serviços publicos.

O assunto foi apreciado atentamente, sendo resolvido suprimir aquelas que cada ministro julgou não haver necessidade de prover. Os logares a suprimir são em grande numero, estando já redigido o respectivo decreto.

O conselho volta a reunir na manhã da proxima quinta feira.

UMA BOMBA
fere gravemente uma criança

Esta manhã, o menor de 11 anos, Cesario da Encarnação Ramos, filho de Maria do Ceu e de Marcelino da Encarnação, quando andava brincando numas terras em S. Bartolomeu da Charneca, ao Lumiar, encontrou ali abandonada uma bomba de dinamite, que atirou ao chão. A bomba explodiu, tendo os estilhaços atingido o menor, que ficou gravemente ferido, recolhendo ao hospital de S. José, onde se encontra em estado grave.

Actor Taborda

Passando amanhã a data do nascimento do falecido actor Taborda, gloria da scena portuguesa, a direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro irá amanhã ao Jardim da Estrela depôr, junto da sua estatua, um ramo de flores. Para essa homenagem convida todos os seus colegas dos teatros de Lisboa.

A AVIAÇAO MARITIMA

A CULPA
do malogro
DA VIAGEM DE CIRCUMNAVEGAÇAO
pertence a toda a gente

Ainda resta uma esperança...

Causou grande sensação em todos os meios a carta em que o heroico aviador Sacadura Cabral expôz os motivos porque já não tenta realisar este ano, como tencionava, a viagem aerea de circumnavegação.

Nessa carta faziam-se alusões a varias entidades, entre elas á Aviação Maritima. Seria, pois, curioso, ouvir da boca dum oficial uma opinião sobre essas alusões.

* * *

Bom Sucesso. Esquadrilha de Aviação Maritima. O comandante sr. Moreira de Carvalho, á paisana, prepara-se para sair:

—Comandante: a sua opinião sobre a carta do sr. Sacadura Cabral...

Um gesto de escusa...

—Fazem-se lá afirmações graves...

—Não lhe posso dizer nada... Não lhe posso dizer nada...

—Mas, como comandante da Aviação Maritima...

—Não lhe posso dizer nada...

E para um marinheiro:

—Conduza este senhor ao comandante Sacadura Cabral...

* * *

O heroi da travessia Lisboa-Rio, que é actualmente o Director Geral da Aeronautica, está no seu gabinete.

A principio recusa-se a falar:

—Se já disse tudo!.. Parece-me que fui suficientemente claro...

—A culpa de não se realisar este ano a viagem de circumnavegação...

—Foi de todos.

—De todos?

Sacadura Cabral repete com energia:

—De todos! Até dos jornais.

—Dos jornais? Mas eles fizeram a propaganda da viagem...

E' sempre melindroso dizer certas coisas. Mas Sacadura Cabral é duma rude franqueza. Diz o que sente...

—Sim. Aos jornais pertence grande parte da responsabilidade de se não ter arranjado o dinheiro para a viagem. Senão, veja: Dum lado, aparecia um homem, dizendo: «Dêem-me os aparelhos necessarios e alguns navios e dêem-me 60 mil libras, que eu faço a viagem!» Abriu-se a subscrição nacional. E logo em seguido os jornais noticiaram que havia um oficial que, só com um aparelho, sem navios e sem necessidade de dinheiro, á custa da sua fortuna pessoal, se prontificava a fazer o mesmo...

—Resultado...

—O povo, naturalmente, desconhecedor destes assuntos, não esteve para dar o seu dinheiro para uma empreza que alguem se oferecia para fazer á sua custa...

—Esse empreendimento, nas condições anunciadas, tinha qualquer probabilidade...

Sacadura Cabral sorriu-se—e não disse nada...

* * *

Mas foram-se todas as esperanças de conquistar para a aviação portuguesa mais essa corôa de gloria? O heroico aviador ainda não as perdeu.

—Este ano...

—A viagem projectada só é possivel numa epoca: por alturas de Março. Este ano é-me absolutamente impossivel fazê-lo por falta de dinheiro.

—Entretanto, persiste na sua ideia...

—Persisto. E se em Março de 1925 tiver conseguido o dinheiro e os elementos que este ano não consegui, a viagem realisar-se-ha. A não ser...

—A não ser?...

—... Que algum aviador estrangeiro, dos que tambem a estão estudando, consiga realisá-la. Porque é de esperar que este ano se façam algumas tentativas...

UMA NOTICIA

O CHEFE DO ESTADO
VAI HOSPEDAR-SE
NA TORRE DE BELEM?

Segundo nos consta, o sr. Teixeira Gomes tenciona requisitar quaisquer aposentos na Torre de Belem, a fim de os tornar local preferido de repouso. O Chefe de Estado que aprecia muito o mar declarou, segundo nos dizem, que se tratava de uma modesta instalação, resumida a um leito e um binoculo, para a passagem de algumas horas de quando em quando.

Alguem que para isso tem idoneidade, confirmou o fundamento desta noticia que, no entanto, atendendo á alta categoria da personalidade que ela foca, damos rodeada de todas as reservas.

Tabacos

O *Diario de Lisboa*, que tem acompanhado com o maior interesse a questão ou pretensa remodelação do monopolio dos Tabacos, não deixará de, a seu tempo, voltar ao assunto sempre que os altos interesses nacionais o exijam. Entretanto, regista que as ultimas manifestações dessa importante questão são a melhor confirmação das nossas referencias e que o país vai conhecendo do alto valor que para a sua economia e finanças representam.

Faz parte deste ministerio o sr. dr. Antonio da Fonseca que de perto conhece os diplomas originais e convenções posteriores havidas na concessão, e, assim, tem o governo dentro dele quem possa orientar o assunto que de qualquer forma não deverá envolver compromisso posterior a 1926, data em que o Estado resolverá do seu acabamento ou de novo concurso.

Deputados

Foi hoje afixada a ordem do dia de ámanhã na Camara dos Deputados: autorização á provincia de Moçambique para contrair um emprestimo e debate politico por motivo da apresentação do novo ministerio.

A primeira proposta não logrará caminhar, pois está quasi em baixar á comissão de finanças. O debate politico é que romperá forte. Mas ha tambem quem diga que os deputados conservam a data de 9 para o regresso.

Scena de pugilato

No Cais do Sodré deu-se esta tarde uma scena de pugilato entre o dr. Mario Monteiro e o revolucionario Armando de Azevedo.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

UM JUSTO PROTESTO

A lingua
e a literatura
são ameaçadas
com o aumento
das taxas do correio

As medidas financeiras adoptadas pela Administração dos Correios e Telegrafos, tendentes a reduzir o seu confessado «deficit», vieram sobressaltar, com razão, a elite literaria do nosso paiz, pois, com elas, ver-se-hão lesados não só os interesses dos homens de letras, mas tambem os proprios interesses do Estado, que deve esforçar-se por conservar a tradição secular da sua lingua e da sua literatura.

O aumento de taxas aplicado, indiferentemente, a qualquer genero de mercadorias, destinado a ser exportado, abrange tambem o livro, o desgraçado livro português de tão pouco cobiçada leitura — de tão apertado e fragil comercio, por via de circunstancias varias.

Eis porque um numeroso grupo de intelectuais — Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes, João de Barros, Joaquim Manso, Justino de Montalvão, Jaime Cortezão, Raul Proença, Afonso Lopes Vieira, Carlos Selvagem, Agostinho de Campos e Alves Martins — procurou, esta tarde, o sr. Antonio Maria da Silva, administrador geral dos Correios e Telegrafos, a fim de lavrar, nos mais justos e inteligentes termos, o seu protesto, tendo falado, em nome de todos, o dr. Jaime Cortezão, que, resumidamente, expôz a situação inferior do livro português em face das produções estrangeiras, situação que não permite aos escritores, por melhores e mais seguros, o viverem da sua pena, situação essa que será agravada com o aumento de taxas, pois esse aumento vai dificultar a exportação do livro, facto que não só vai ferir o interesse particular de cada um que escreve, mas os interesses gerais do Paiz no campo do espirito, tão desgraçadamente abandonado entre nós.

Neste sentido, o dr. Jaime Cortezão apelou não só para o administrador dos Correios e Telegrafos, mas tambem para a personalidade politica do sr. Antonio Maria da Silva, ex-presidente de conselho de ministros, onde, por varias vezes, demonstrou vivos desejos de satisfazer os mais sagrados interesses nacionais.

Como resposta, o sr. Antonio Maria da Silva, afirmou que foi durante a sua ausencia, motivada por doença, que se procedeu ao aumento das taxas, verificado o tremendo «deficit» a que se tornava imperioso acudir de pronto. Todavia, reconhecendo a justiça do protesto, confessou que procuraria empregar os seus esforços de forma a ser procurada, noutra fonte, a receita que adviria da exportação do livro, empregando-se todas as cautelas de maneira a não serem favorecidos tambem os livros estrangeiros.

A comissão retirou, bem impressionada com as palavras do sr. Antonio Maria da Silva, que oxalá se tornem uma realidade.

De facto, torna-se urgente a protecção ao livro português, e não é descabido lembrar que a convenção literaria com o Brasil, devido em grande parte a Jaime Cortezão, pela qual ficam isentados de direitos alfandegarios os nossos e os livros brasileiros, deve ser encarada pelo governo como um assunto de primeira importancia, como o deve reconhecer o alto espirito do sr. Antonio Sergio, actual titular da pasta da Instrução.

A comissão deve encontrar-se, tambem, esta tarde, ás 18 horas, com o sr. ministro do Comercio.

DE LUTO

Luiz Tuñon

Faleceu em Bissau no dia 12 de dezembro, victima dum desastre, o sr. Luiz Tuñon que era muito conhecido no meio da rapaziada lisboeta que se diverte, contando muitas simpatias.

Tomaz Maria Soares

Passando hoje o 30.º dia do falecimento do sr. Tomaz Maria Soares, a sua familia, mandou hoje rezar uma missa, ás 10 horas, na igreja de S. Paulo. Ao piedoso acto assistiram além de familia, numerosos amigos do finado.